

# Reflexões de luta e resistências

*CRISTINE TAKUÁ*

Bom dia a todas e todos! Agradeço o convite, mas confesso que quando fui convidada para fazer essa fala foi um pouco difícil organizar os pensamentos e tomar coragem, porque para mim sempre é um pouco difícil falar sobre isso. Na verdade, não tem como não se emocionar. Por conta disso eu queria primeiro fazer um canto e pedir licença a todos os seres sagrados, principalmente aos Guaranis que são donos dessa terra de São Paulo, e que muitos paulistas não sabem que aqui tem Guarani, então vou fazer esse canto primeiro para pedir licença, e aí começo a fala.

[...]

Eu sou educadora, estudei filosofia, descendo por parte de pai do povo Maxakali de Minas Gerais, mas vivo na terra indígena Guarani do Rio Silveira, que fica no litoral norte de São Paulo, então caminho entre esses dois universos, Guarani e Maxakali.

Trouxe algumas ideias, algumas reflexões que venho fazendo ao longo de vinte anos, desde que eu alcancei um pouco o entendimento do que significou essa situação política para nós, nossos territórios, nossas essências, e para o nosso pensamento também. Porque eu vejo que esse momento, a ditadura dilacerou profundamente muitas coisas. Muitos falam dos territórios, mas houve, como eu digo, um estupro da essência da epistemologia do ser de cada povo: línguas, crenças, territórios e todo um projeto econômico por detrás para desestruturar e para integrar povos que não têm como ser integrados, porque cada povo tem o seu modo de ser e de existir dentro do seu território.

Só para refletir um pouco sobre essas realidades, há o documentário sobre a Guarda Rural Indígena (GRIN), produzido pelos parentes maxakali da Aldeia Verde. Essas imagens são bem conhecidas na internet para quando você pesquisa sobre a ditadura militar com os povos indígenas. É bem interessante, porque traz a fala dos mais velhos que foram da guarda rural na época, e que trazem essa sensação de violência sofrida, por conta de que a maioria dos indígenas que foram recrutados para ser GRIN [Guarda Rural Indígena] e na época nem falavam português; e toda a forma como foram tratados, e a forma como eles tinham que tratar os outros parentes que eram trazidos para o Reformatório.

Foi uma experiência muito violenta, que hoje deixa marcas psicológicas, traumas muito grandes nessas pessoas mais velhas. Muitos deles eram líderes espirituais, curandeiros e pessoas que tinham uma ligação muito forte espiritual e que hoje resistem com essas lembranças que machucam a alma, mas

continuam resistindo, e falando sobre isso com os mais jovens, principalmente nesse momento político em que vivemos, em que nós tivemos que assistir o nosso governante maior que é o presidente defender e elogiar e exaltar o início da ditadura no Brasil. Então não tem como a gente não falar disso nas escolas e mostrar para os nossos alunos o quanto é importante ter ou alcançar o entendimento desse momento.

Eu fico um tanto quanto assustada de ver como as escolas brasileiras, públicas e particulares, não têm um cuidado e atenção para os fatos reais da nossa história. A própria universidade brasileira é muito enxugada dos reais fatos e acontecimentos, não há incentivo à pesquisa verdadeiramente para que os professores tenham acesso às informações e que o povo seja um pouco mais consciente do que é a história do nosso país – tão rico, tão diverso e, ao mesmo tempo tão, sofrido.

O filme GRIN<sup>1</sup> mostra um pouco da realidade do povo Maxakali e Krenak, que foram dois povos que tiveram uma violência muito grande em Minas Gerais. Mas não foram só eles. O povo Guarani também tem uma situação muito complicada. Muitos Guarani M'byá foram tirados do Espírito Santo e colocados na região de Carmésia (MG), onde foi feita a Fazenda Guarani, que foi um lugar também muito pesado e violento. Tem um outro filme, que tem a fala de uma mulher chamada Aurora, que foi até o falecido Andrea Tonaci, uma cineasta que conseguiu gravar isso na década de 1970, e a Aurora fala muito do início da formação da Fazenda Guarani, a violência que os militares tinham com os Guarani quando foram despejados naquela região.

E tem a situação também de todo esse plano econômico, de pensar a criação de ferrovias, rodovias, hidrelétricas...

E tem ainda a Hidrelétrica de Itaipu, que fica na região de Foz do Iguaçu, no Paraná. É um outro caso muito violento, que destruiu um grande território Guarani e os Guarani foram expulsos de lá. Só que os Guarani vivem querendo retornar a esse território, que é uma terra sagrada por conta do rio, da cachoeira, de tudo que lá existe. Até hoje acontecem grandes conflitos por conta da hidrelétrica de Itaipu, nos vários lugares onde foram criados núcleos de ajuntamentos e agrupamentos de povos: recentemente um cacique foi preso por conta de que ele atravessou a cerca para ir buscar taquara dentro da área da Itaipu!

No oeste paulista, na cidade de Tupã, distrito de Arco-íris, perto de Marília e Bauru, tem a Terra Indígena Vanuíre, que também foi feita no sentido totalmente estratégico de jogar um grupo de pessoas lá, e misturou-se Krenak com Kaingang, que são de culturas totalmente diferentes, e isso gerou conflitos ao longo de muitos anos. E esses povos vivem até hoje lá. Recentemente fui num evento no museu Índia Vanuíre, em Tupã, onde encontrei uma família krenak, e o senhor que estava lá foi GRIN na época, e ele contava de como conseguiu fugir e depois saiu de Minas Gerais e foi para Tupã.

Então, tem várias histórias. Muita gente fugiu também. Quem conseguiu, acabou fugindo dessa situação toda e depois continuou trabalhando em fazendas nos interiores, tanto de Minas Gerais quanto de São Paulo. As histórias de Minas Gerais e de São Paulo são bem sofridas e doídas. Toda a construção da rodovia Fernão Dias, que foi engolindo e atropelando vários povos que ali viviam...

Só que vejo que os livros de história não relatam isso! Eu andei pesquisando muito, já faz mais de dez anos que eu pesquisei sobre a ditadura militar, e muito pouco a gente fica sabendo sobre o que

---

<sup>1</sup> (N.E.) Cristine Takuá faz referência ao filme GRIN, de 2016, dirigido por Roney Freitas e Israel Maxakali.

aconteceu aqui. Há muitos estudos na Amazônia, no norte, de modo geral, mas as pessoas ocultam sul e sudeste, da mesma forma como se exalta a Amazônia e se esquece a mata Atlântica.

Então eu venho ao longo de um tempo, e isso tentando junto com os professores indígenas, por exemplo o Thiago, que é um professor Guarani da Terra Indígena Tenondé Porã, e vem fazendo uma pesquisa sobre a ditadura com os Guarani em São Paulo, que praticamente a gente não encontra registro nenhum! Tem alguma coisa falando do Paraná, dessa região da Fazenda Guarani, mas de São Paulo a gente não consegue registros.

Então é necessário que essas pesquisas continuem, mas parece que o atual presidente ontem, antes de ontem, meio que intervai para prejudicar as pesquisas em torno da ditadura, começando com a questão dos desaparecidos políticos.

Eu fico vendo, quando a gente estuda a literatura da história, há toda aquela coisa de mostrar os exilados da ditadura, os grandes artistas, o Chico Buarque, Caetano Veloso e tal... Mas muitos indígenas foram exilados também! Torturados e assassinados também, mulheres estupradas e várias coisas aconteceram, mas não se registra isso. Eu costumo conversar muito com os jovens quando eu estou na rua, jovens não indígenas, e costumo perguntar, pois gosto muito de falar sobre história, e os jovens, de modo geral, desconhecem total, a ponto de chegarem pessoas a dizer que não sabem que teve ditadura, nunca ouviram falar em ditadura. O mais assustador é quando são pessoas mais velhas! Já me ocorreu de conversar com pessoas mais velhas em palestras, e a pessoa dizer que passou pela época e não se deu conta de que existia ditadura porque justamente ela ou a família dela não foram diretamente cutucadas e atingidas.

Eu me recordo de uma cena que a minha sogra, falecida há três anos, me contou. Ela era uma anciã Guarani, com muita força espiritual. Nessa época da década de 1970, ela – como os Guarani sempre andaram – saiu do litoral e foi fazer uma visita até à aldeia Tenondé Porã, e nesse meio de caminho (as viagens sempre eram caminhando), ela parou para vender uns artesanatos. Na época estava com as crianças pequenas, e, enquanto vendia artesanato, de repente começa a vir um monte de cavalaria, cavalos com policiais no cavalo; o filho dela mais velho ficou todo encantado com o cavalo, e ela não estava entendendo o que estava acontecendo. De repente começaram tiros e uma confusão toda. Mas ela não fazia a mínima ideia de que aquilo era ditadura. Na época ela falava pouco português.

Eu fico às vezes tentando alcançar, quando me contam essas histórias, tentando imaginar o fato de muitos indígenas que viviam em São Paulo, que foram atropelados pela ditadura, mas que nem se davam conta de que isso estava acontecendo.

A construção da rodovia Rio-Santos mesmo, no final da década de 1970 e início da década de 1980, quando os Guaranis e vários povos começaram a tentar demarcação das terras indígenas na região sudeste, o presidente da Funai na época era um dos irmãos Villas-Boas, e um pronunciamento que ele deu foi que não existiam indígenas em São Paulo, nem no sudeste, que ou era caiçara, ou era caboclo, mas que indígena não tinha. Talvez porque a romântica visão dele é que o indígena estava no Xingu. Mas, devido a isso, muitos parentes, muitas lideranças que já *foram* [faleceram, N. E.], recorreram com o próprio recurso para conseguir a demarcação da terra indígena.

A própria aldeia em que eu vivo, a aldeia Rio Silveira, um dos falecidos, chamam ele Samuel Jejoko, foi atrás de advogados, também com a parceria da Maria Inês Ladeira, que na época era bem mocinha. Eles correram atrás de ajuda, de apoio, de parceiros, para conseguir a demarcação da terra indígena, porque o próprio presidente da Funai dizia que não existia indígena em São Paulo. Então toda essa visão preconceituosa...

É o que me faz, ao mesmo tempo, pensar nos Krenak, nos Maxakali e nos Guarani mais fortemente, mas especialmente os Guarani e os Maxakali, por conta de que o governo negava a existência, a nossa existência, os nossos mais velhos resistiam há séculos, e essa resistência Guarani e Maxakali é uma resistência espiritual. Enquanto todo mundo estava achando que o verdadeiro indígena estava na Amazônia e só lá existia, aqui os nossos pajés estavam rezando, e continuam rezando até hoje, na nossa língua nativa e tradicional. Se você vai numa aldeia Guarani, numa aldeia Maxakali, está todo mundo falando a língua! Porque essa resistência espiritual e da língua é o que fez com que a gente resistisse, diferente de muitos outros parentes que foram dilacerados pelo evangelismo hoje. No início, a cruz e a espada da igreja católica, e hoje, as missões evangélicas, que também entram dilacerando os territórios.

Eu fico muito admirada e honrada em conviver com o povo Guarani e Maxakali, que são dois povos de uma resistência espiritual muito forte! Conversando com alguns amigos e parentes, quando a gente soube essa possibilidade desse atual governo vir a ser realmente um governo, no final do ano passado, um mais velho virou para mim e falou assim:

Minha filha, a gente não está assustado, não! A gente não está com medo disso! Porque a gente já resiste a isso há muito tempo! Eu estou é preocupado com os meus amigos não-indígenas e outros parentes que não estão tão acostumados a lidar com essa violência e com essa negação, né?

Por que você negar a sua existência? Simplesmente ao longo da história os povos do sul e do sudeste tiveram a sua existência negada, e não só do sul e do sudeste, mas todos os povos indígenas do Brasil. Até hoje alguns governantes seguem querendo negar a nossa existência. E quando eu vejo, desde o início, o processo da colonização, depois esse marco da ditadura, e agora esse momento que a gente vive, de 2019, eu vejo mais do que nunca a bandeira do Brasil, e isso me tristece bastante. Quando é momento de Copa do Mundo, esses grandes eventos esportivos, as pessoas se orgulham tanto da bandeira do Brasil que carrega o *slogan* “Ordem e Progresso”. Então em nome dessa ordem e desse progresso foi permitido tudo: estuprar a terra com a mineração, com o agronegócio, calar vozes de línguas ancestrais.

Quanto ao tema desse evento, “memória verdade e justiça”. “Memória” me remete a essa memória ancestral dessa resistência espiritual. A “verdade” me remete às inúmeras, imensas e diversas verdades de todas as epistemologias Guaranis, Xavante, Krenak, Maxakali e etc., que foram negadas e são até hoje pelas universidades, que não reconhecem o nosso modo de pensar e a nossa epistemologia para falar um pouco mais sofisticado. E quando penso em “justiça”, penso em todo esse estupro e dessa injustiça que persiste em querer não escutar não só a nós, mas insiste em não querer escutar os outros seres. Porque a nossa luta por demarcação de terra não é só para que nós tenhamos o nosso território, mas é também para que os outros seres tenham. Quem está escutando a paca, cotia, lontras, abelhas, as formigas, as sumáumas e todos os seres sagrados visíveis e invisíveis que estão vivendo dentro da floresta?

Ninguém! Então a nossa luta pelos territórios é para que os cemitérios sejam respeitados, e para que esses seres que permitem que a gente possa viver nosso equilíbrio, também continuem vivendo.

Pensar nesse tema desse encontro me remete a essas questões todas e penso que todos aqui, sejam educadores ou não, militantes ou não, somos todos humanos. Estamos remando pela mesma direção, que é a sobrevivência, e acho que deveria ser a luta de todos.

A gente está nessa semana num momento bem delicado. Estou com o coração bem apertado, preocupada com o que vai acontecer, muitos parentes estão indo hoje para Brasília, para o Acampamento Terra Livre. É uma semana tensa, porque a gente não sabe o que vai se dar.

Acho que a contribuição que eu trouxe eram essas questões todas. São questões difíceis, delicadas, mas que devem ser mais estudadas, a gente tem que falar mais disso, ampliar as conversas.

## **Debate (resposta à intervenção da audiência)**

Como educadora venho falando ao longo de um tempo que não existe o “índio”. É lógico que tem parentes no Brasil todo, vão tem várias divergências e vários pontos de vista. Eu respeito todas, mas acho que a palavra “índio” é carregada de uma coisa muito feia, e até pejorativa, no sentido de que eu já ouvi várias interpretações e conceituações, pesquisando. Uma que me incomodou muito é a de pensar o termo índio como “sem deus”, carregada de toda uma história conceitual, e acho que não deveria ser usada, na verdade. Da mesma forma como “tribo”. Essas palavras vêm carregadas de um conceito um tanto negativo no meu ponto de vista. Não existem índios, existem Guaranis, Pataxó, Krenak, Kain-gang, povos diversos. Agora, no dicionário, se você procura a palavra indígena, é o que está dentro de algo, tanto que o contrário de indígena é alienígena, é o que está fora. Então todos somos indígenas se estamos dentro da terra.

Quando a gente entende o significado das palavras a gente começa a entender melhor o que as coisas são de fato. Então, existem povos diversos. No início da colonização tinha mais de mil povos no Brasil; hoje existem 300. Então, não existe o “índio”, eu nunca conheci o “índio”, eu conheço muitos pataxó, krenak, kaingang, ashinka, enfim, diversos povos que existem. Mas eu sempre acho que há também pessoas que se referem a esse tal “índio” não de uma forma negativa. Na própria Constituição o capítulo “Dos índios” não foi uma questão negativa e nem pejorativa, mas foi uma forma de, não sei se contextualizar ou colocar a questão em si de uma forma mais reduzida. Mas penso que a gente tem que procurar entender também as palavras como são, porque tem pessoas que usam, sim, de forma negativa, como se os índios fossem a mesma coisa e a gente sabe da rica e complexa diversidade linguística, espiritual, gastronômica... Enfim, existe toda uma diversidade que deve ser respeitada e levada em consideração.

*Cristine Takuá é formada em Filosofia pela UNESP - Marília, ministra aulas de Filosofia, Sociologia, História e Geografia na E.E. Indígena Txeru Baé Kua-I, DER Santos, pertencente à Terra Indígena Ribeirão Silveira. Tem ex-*

*periência em projetos relacionados a plantas de cura, como o Projeto Ka'agui Poty (Flores da Mata), financiado pela área de medicina tradicional indígena do Programa Vigisus da FUNASA. É fundadora e conselheira do Instituto Maracá e foi representante por São Paulo na Comissão Guarani Yvyrupa (2016/2019). Dentre os inúmeros projetos e eventos dos quais participou, foi curadora da Mostra Audiovisual Indio.doc realizada no SESC Vila Mariana (2019). Colaborou com artistas como Ernesto Neto (Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2019) e é membro fundadora do FAPISP (Fórum de Articulação dos Professores Indígenas do Estado de São Paulo).*

## REFLEXÕES DE LUTA E RESISTÊNCIAS

**Resumo:** A partir das histórias dos povos Guarani, Maxakali e Krenak, com foco na experiência da Guarda Rural Indígena (Grin) e do Reformatório Krenak, perpassa aspectos das experiências dos povos indígenas durante a ditadura civil-militar, explorando as potências dos termos “memória”, “verdade” e “justiça”. Fala realizada na Mesa “Povos Indígenas e ditadura: perspectivas históricas”, no *Seminário Povos Indígenas: Memória, Verdade, Justiça*, realizado no Centro de Pesquisa e Formação do Sesc-SP, em abril de 2019.

**Palavras-chave:** Resistência; Ditadura Civil-Militar; Guarda Rural Indígena (Grin); Guarani; Maxakali; Krenak.

## REFLECTIONS OF STRUGGLE AND RESISTANCE

**Abstract:** From Guarani, Maxakali and Krenak peoples histories, focusing on the experience of Guarda Rural Indígena (Grin) and Reformatório Krenak, overarching aspects of indigenous peoples experiences during civil-military dictatorship. The potency of terms such “memory”, “truth” and “justice” are explored. Talk done at Session “Indigenous Peoples and the dictatorship: historical perspectives”, *Seminário Povos Indígenas: Memória, Verdade, Justiça*, held at Centro de Pesquisa e Formação do Sesc-SP, on apr. 2019.

**Keywords:** Resistance; Civil-military dictatorship; Guarda Rural Indígena; Guarani; Krenak; Maxakali

RECEBIDO: 04/11/2019

APROVADO: 31/01/2020